

# TORNAR-SE ESPOSA, FAZER-SE MULHER: O CASAMENTO ESTABELECENDO GÊNERO NAS RELAÇÕES CONJUGAIS DE MULHERES TRANS/ TRAVESTIS.

Oswaldo Zampiroli<sup>1</sup>

## RESUMO

O relacionamento amoroso de duas mulheres trans/travesti com seus respectivos parceiros é o mote central deste artigo para discutirmos gênero e conjugalidades. A particularidade dos casos que trago se impõe no fato de que os cônjuges não as assumem publicamente, dando, portanto, um caráter subterrâneo a seus amores. Outro ponto central é o ofício de prostituta das duas mulheres. Desse modo, temos corpos ocultados na rede relacional dos namorados, sendo a prostituição um dos eixos tensionadores da relação, gerando, assim, uma dinâmica ímpar de conjugalidade. Os exemplos etnográficos trazidos farão viço na discussão das negociações dos casais: como estabelecem limites, como percebem a relação e como se conduzem no subterrâneo. Toda essa dinâmica passa a nos revelar também que o processo central de tornar-se esposa, para as mulheres trans/travestis, é parte fundamental no processo de fazer-se mulher.

**Palavras Chave: Gênero; Conjugalidade; Família; Transexualidade; Travestilidade**

**Becoming a Wife, Making a Woman: The marriage establishing gender on transexual women's conjugal relationships.**

## ABSTRACT

The relationship of two couples, two trans / transvestite women and their respective partners is the core of this article about gender and conjugality. These cases are unique due to the fact that the men do not allow the relationship to be manifested publicly, therefore, giving an underground quality to their love. Another central point is the work of the two women as prostitutes. On one hand, the women's bodies do not circulate at their boyfriends' network and, on the other hand, the prostitution is an element of tension in the relationship, generating a singular conjugal dynamic. The ethnographic examples brought will be part of the negotiations of the couple: how they set boundaries, how they perceive the relationship, and how they conduct themselves on the underground level. This setting reveals that becoming a wife, for those trans / transvestites, is as fundamental part of the process that makes them women.

**Key Words: Gender; Conjugalit; Family; Transexuality; Transvestite**

---

<sup>1</sup> É doutorando e mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/MN/UFRJ). (contato: zampiroli@ufrj.br)

## Introdução

Este artigo é resultado da seleção de parte da minha dissertação de mestrado (Zampiroli, 2017), em que eu discuto mais amplamente sobre as diversas dimensões que se deitam nas relações afetivas entre mulheres trans/travestis e homens cisgêneros<sup>2</sup>. Assim, do panorama geral necessário para introduzir meu campo, é preciso dizer que a pesquisa foi feita através da realização de entrevistas, entre maio e novembro de 2016, com quatro mulheres travestis e transexuais residentes na cidade do Rio de Janeiro: Ana, Alice, Donatela e Paula<sup>3</sup>, as quais quiseram compartilhar comigo detalhes sobre seus passados, suas trajetórias e sobretudo seus amores. O que notei ao longo da pesquisa foi, justamente, a constante reclamação da dificuldade que tinham de encontrar homens que “as levassem a sério”. Desse modo, através dos depoimentos em que lamentavam a constante falta de afetos, pude desenvolver este trabalho. Ao trazer as dinâmicas presentes nas vidas conjugais de minhas interlocutoras, levo em consideração sobretudo que embora estas sejam perpassadas por uma marca comum – cuja denominação dada por mim aparece no adjetivo “subterrâneo” – são elas também expressões plurais de afetividade e expectativa. O denominador comum “subterrâneo” se justifica pelo fato de que nenhuma de minhas interlocutoras teve seus relacionamentos vividos livremente. Ou seja, nenhum casal gozou de exercer-se como queria pela miríade de camadas públicas dispostas para circulação.

Para este texto, escolhi destacar a história conjugal de duas interlocutoras, Donatela e Ana, com aqueles que elas consideram o “grande amor” de suas vidas. É importante destacar também o fato de estes relacionamentos terem sido os mais longos em termos de duração dentre os relatados a mim por elas. Donatela namorou com Alexandre por quatro anos, enquanto Ana e

Romário namoraram por dois anos.

Quanto à metodologia, o uso das entrevistas se justifica pela possibilidade de capturar na fala o que é privilegiado na narração da própria trajetória. Mesmo que eu não tenha acesso ao que me foi subnotificado ou exacerbado nos depoimentos, possuo interesse, precisamente, na maneira como organizaram e recriaram suas vidas e assim, tentar entender o que a produção de si na fala traz como expressão da experiência trans-travesti e da prostituição. Seguindo a proposta de Velho (1986), portanto, deveríamos “compreender melhor como a gramática social e cultural se expressa ao nível biográfico” (1986: 56). A produção de si na fala é assim apenas mais um elemento rico para analisar a trajetória de vida das pessoas. Logo, as “ficções persuasivas” que a antropologia se põe a apresentar são pautadas aqui pelo desafio de recontar uma memória produzida no discurso e animá-la (no sentido de dar alma) em texto. Isto é, segundo a premissa de que a “questão não é simplesmente como trazer certas cenas à vida, mas como trazer vida a ideias” (Strathern 2014: 175).

Outros dois pontos que gostaria de destacar é o que quero dizer quando falo “discurso” e, também, a dimensão que a emoção toma. Em “Languages and the politics of emotion” escrito por Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990), as autoras propõem uma ideia de discurso que não entende a lembrança ou o momento presente como uma referência, mas como uma construção. Isto é, no momento em que o discurso está sendo proferido passa-se concomitantemente a ser criado um real. Logo, além do contexto histórico-cultural que envolve o universo daquela que fala, os depoimentos são apresentados embebidos de emoções as quais também dizem respeito às circunstâncias que formam o discurso. Assim, quando penso em trajetórias, depoimentos e em discursos é dessa forma que me situo. Por conseguinte, passaremos a analisar as entrevistas

2 No que diz respeito a termos como “cisgênero” ou apenas “cis”, todas as minhas interlocutoras sabem, reconhecem e usam de vez em quando o termo (umas mais e outras menos). Já as “mulheres cisgêneras” são chamadas de “mulher”, “mulher de verdade”, “mulher biológica”, “mulher não-trans”, “amapô” ou “amapoa”, “racha” ou “rachada”. Destarte, minhas interlocutoras, de modo geral, quando falavam sobre seus relacionamentos afetivos usavam apenas “homem”. Em algumas ocasiões, mais comumente quando falavam de política e militância, usavam a expressão “homem cis”. Como neste artigo a dimensão que queremos pôr em relevo da vida dessas mulheres é a da conjugalidade, utilizarei apenas “homem” para me referir a seus interesses amorosos e namorados. Sendo assim, quando eu for me referir à “mulher cisgênero” utilizarei o termo “mulher não-trans” pela mesma razão.

3 Todos os nomes são fictícios a fim de preservar a identidade de minhas interlocutoras.

a partir do que é recontado, tendo sempre em vista a importância que as emoções possuem.

Num primeiro momento, trarei uma sessão etnográfica destacando aquilo que concerne a narrativa do início do “grande amor” de Donatela e de Ana. Os dois relacionamentos têm em comum o fato de terem sido relatados como relações nas quais elas “amaram de verdade”. Em seguida, veremos como aconteceu o fim destes relacionamentos tão importantes para as duas e como a ideia de família é central, mesmo em face à sua aparente natureza oblíqua, durante todo o espectro dos discursos amorosos.

Num segundo momento, darei ênfase ao “durante” os anos da relação. Sabendo como o casal se desfez, discutiremos de que maneira, no nível cotidiano, foi possível negociar na intimidade tanto a prostituição quanto a circulação dos corpos das esposas trans/travestis pelos lugares que o casal circulou. Enquanto a primeira negociação diz respeito à busca por autonomia dessas mulheres, a segunda dá a qualidade de segredo, ou “subterrâneo”, a essas relações. Desse modo, aparecerão as discussões dos casais como lugar de disputa (imposições e concessões) para a preservação do próprio casal através de uma relação estreita entre os sentimentos de cuidado e de controle. Desse modo, será possível discutirmos o eixo atravessador deste artigo: como em relações conjugais entre uma mulher trans/travesti e um homem aparece a figura de esposa. E, também, como tornar-se esposa aparece como uma das etapas na construção de gênero no fazer-se mulher.

Gostaria de pontuar aqui que a escolha de adiantar a narrativa sobre o término da relação antes de discutirmos os mecanismos de manutenção da díade se justifica na tentativa de condessar em apenas uma sessão a parte mais etnográfica do texto. E, também, é preciso salientar que o uso da palavra “esposa” foi utilizado pelas minhas interlocutoras muito timidamente, sempre em frases como “quase-esposa”, “esposinha”. A ideia de esposa aparece de forma desejosa, mas que escapa em alguma medida a maneira como pensam suas relações. Atestando, assim, não apenas a dificuldade

de conceber os relacionamentos de maneira mais formalizada como também uma possível atribuição de esposa ao espaço doméstico/privado. Desse modo, “tornar-se esposa” passa a não ser o suficiente para fazer-se mulher, sendo necessário também, com efeito, “fazer-se esposa” nas negociações cotidianas.

## 1. Do início ao fim.

### 1.1. Donatela e Alexandre

Donatela é branca e tem 32 anos. Nascida e criada na cidade de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, se prostitui há dez anos. Ela se entende como travesti, embora não se importe com o termo “transexual”. Foi expulsa de casa pelo padrasto e, logo depois, em 2004, mudou-se do Brasil para a Itália em busca de sanar uma dívida.

De acordo com suas narrativas, era novembro, uma terça-feira, cerca de dois meses já morando na Itália, vivendo em um quarto de república de menos de vinte metros quadrados com mais dezesseis travestis, quando Donatela foi para um bar brasileiro sozinha a fim de assistir a um jogo de futebol do campeonato italiano. Ela avista, sentada, um homem num outro lado do balcão. O homem em questão é Alexandre. Moreno e muito bonito, “Ele parecia o Bruno Gagliasso. Minto, ele parece mais esse ator que faz *Anjo Mau*, sabe? O filho da Luíza Brunet”, ela diz. Ambos começaram a trocar olhares que logo escorregaram para conversas. Donatela, “ariana<sup>4</sup> que é”, desmanchou a distância dos assentos e se acomodou ao lado de Alexandre. “A gente começou a trocar uma ideia, a gente começou a beber e tal”. Depois de muito conversarem, Alexandre, já completamente enfeitiçado por Donatela, paga a conta e se propõe a levá-la em casa. Ela, ébria, aceita. No caminho para casa, Donatela, já sabendo o que poderia suceder desse encontro, é tomada por certa ansiedade. Interessada em Alexandre, toma a decisão de contar a ele que é travesti.

4 Os signos do zodíaco dizem respeito à maneira que elas mesmas se identificam para justificar seus comportamentos.

Chegando perto de casa, eu morava com algumas amigas, aí ele começou a querer me beijar e eu falei com ele: “olha gato, você sabe minha situação. Sou travesti” e ele ficou todo assustado.<sup>5</sup>

Donatela entra em casa sozinha. Para ela, poderia ser mais um caso em que um homem interessante desaparece depois de ela dizer “sou travesti”. Entretanto, ambos haviam trocado números de telefone e ainda havia a possibilidade de que ele ligasse. E ele ligou.

Passado algum tempo, Alexandre torna a procurar Donatela e a convida novamente para se encontrarem no mesmo bar. Ele deixa claro para ela que quer apenas amizade, mas que achou injusta sua reação de tratá-la com diferença, uma vez que Donatela havia sido muito agradável com ele naquela noite.

O namoro entre Alexandre e Donatela demorou um pouco a acontecer. Depois de ter a casa onde morava com mais dezesseis travestis destruída por um incêndio e, em seguida, ter sido expulsa da casa de uma antiga amiga, Donatela se tornou “nômade”, dormindo na casa de alguns clientes, amigos, e chegando, em algumas ocasiões, a dormir na rua.

Se na primeira noite do bar Donatela teve um pequeno interesse por Alexandre, depois de toda aquela demonstração de cuidado e sensibilidade em momentos de grande precariedade, ela se apaixonou e o vínculo dos dois fortaleceu ainda mais. É curioso perceber como a relação e a consolidação de Donatela e Alexandre não aparece como os clássicos modos de como a paixão é recorrentemente relatada, isto é, sentimento intenso e efêmero que é dotado de grande irracionalidade, imanência e efervescência (Velho, 2006). De novembro a fevereiro, ela manteve contatos semanais com Alexandre neste mesmo bar brasileiro. Ambos seguiam rotineiramente o campeonato italiano de futebol. Donatela chegou inclusive a conhecer, se tornar amiga e ver o fim do namoro de Alexandre com Manuela, uma mulher não-trans italiana. No dia catorze de fevereiro de 2005, dia de São Valentino

na Itália, como sou lembrado diversas vezes por ela, Donatela e Alexandre fazem o inevitável e transam. “Ele não tinha mais namorada (...). Os dois bêbados. Eu não tinha ninguém mesmo, não tinha família, imagina namorado? E ele sozinho. Bebemos à beça, aí na hora de me levar pra casa...”. Era o início de “um amor tão grande”.

Desabrigada, Alexandre chamou Donatela para morar na casa dele, onde também moravam seus pais. Ela passou a ficar escondida no carro, dentro da garagem, onde viveu por cerca de seis meses antes de se mudar para uma casa nova com o namorado.

Depois de seis meses (de namoro), era um amor tão grande. Ele estava se formando em literatura internacional. Bicha intelectual, libriano, né. Imagina um libriano... O que você tem a dizer de libra?

*Libra é oposto de áries, né [Donatela é ariana]. Tem uma relação com estética. É em cima do muro, não sabe decidir as coisas direito.*

Ele era meio indeciso mesmo.

*O libriano sabe agradecer...*

É verdade, quer sempre agradecer. Ele foi maravilhoso pra mim. (...) Eu lembro que eu trabalhava de seis da noite até meia noite ou onze horas, daí ele vinha me buscar. Daí a gente ficava, ele tinha prova no outro dia, a gente ficava dentro do carro. Ele tinha uma Peugeot 206 e a gente ficava estudando. Então eu aprendi o italiano com ele. Eu estudava, eu lia, eu perguntava. Eu estudava com ele pra faculdade. Assim ele passou da faculdade. Assim que ele passou da faculdade e que ele pegou a láurea (diploma), ele ficou tão grato a mim que ele pegou uma casa pra mim no nome dele. Ele alugou uma casa pra mim no nome dele. Foi o melhor tempo da minha vida, foi quando eu vivi apaixonada. Eu vivi pra ele.

Cheguei a indagar se Donatela havia sido apresentada para a família de Alexandre e por que ela ficou escondida no carro. Donatela me conta que só foi apresentada para a família depois de muito tempo de namoro e os pais do italiano não reagiram muito bem com a revelação. Isto

<sup>5</sup> É necessário pontuar a unanimidade em minhas entrevistas de que o momento de revelar que se é travesti aparece como bastante delicado para minhas interlocutoras. Há uma dimensão de culpa inerente a expressar sua identidade de gênero em alto e bom tom. “Sou travesti” pode soar como traição. É preciso cuidado, alertariam elas, pois nunca se sabe como o homem poderá reagir. Algumas categorias são discutidas com mais profundidade na minha dissertação como “confissão” e “passabilidade” (ver Zampiroli 2017).

é, não aprovaram a relação, mas também não a impediram. Mas a desaprovação não coercitiva constrangeu o suficiente Alexandre para impedir que ele recebesse Donatela na casa em que morava com os pais. Desse modo, mesmo que o namoro tenha durado quatro anos, Donatela nunca conseguiu manter uma relação estreita com a família de Alexandre.

Donatela afirma que “virei esposinha” depois que foi morar junto com Alexandre na casa alugada por ele. Donatela tornou-se esposa.

## 1.2. Ana e Romário

Ana é branca e tem apenas 22 anos, do bairro de Madureira, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Ela se enxerga como transexual e acha o termo “travesti” pejorativo. Diferentemente de Donatela, Ana não trabalha há muitos anos na prostituição. São dois anos que coincidiram com o início de seu processo de transição. Logo no primeiro mês como prostituta, Ana conheceu Pedro, uma “maricona” de 50 anos que lhe dava nojo, como ela afirma. Pouco tempo depois, Ana conhece Romário ou, como ela prefere, “um filho da puta que eu amo”.

Durante um ano, o namoro de Ana com Romário aconteceu paralelamente ao “namoro” de Ana com Pedro. Coloco aspas neste último, pois Ana reconhece que se tratou de um relacionamento, mas entende que não se equiparara ao namoro com Romário, pois com este havia afeto e com aquele, interesse. Parte deste tempo, um não sabia do outro e Ana tinha que gerir informações para os dois. Ana ficava com Pedro, pois ele a ajudava financeiramente, embora ela alimentasse um profundo asco dele, ao mesmo tempo em que ficava com Romário, pois o amava. Entretanto, Ana devia lidar com uma sensível questão: a possibilidade de um saber do outro poderia desmanchar as duas relações a qualquer momento. Voltaremos a essa gestão de informações mais adiante.

Ana, quando conheceu Romário, já estava com Pedro, que foi um de seus primeiros clientes. “Maricona carente” que é, logo caiu nos encantos de Ana. “Maricona assim carente e sozinha na minha mão tá fodida. Eu faço apaixonar mesmo”. Ela conheceu Romário como cliente na mesma época, um pouco depois.

O Romário, conheci ele no comecinho, sabe? Ele foi fazer programa comigo e ele tinha uma mulher. Um relacionamento de sete anos. Aí, o que acontece. Ele veio fazer programa comigo em janeiro, logo quando comecei a me prostituir. Aí, em janeiro, fizemos só um programa. Nosso programa de sexo foi só uns cinco minutos e o resto foi tudo conversa. Eu até deixei passar a hora sem cobrar nada porque foi um cara super legal. Rolou uma química babado. Um cara super oposto de mim, ele é um nerd pacato. Professor de matemática. Ele está se formando agora em Engenharia Civil.

Na forma como Ana fala, é possível perceber o quanto ela valoriza o fato de o tempo de sexo ter sido reduzido em detrimento do tempo dedicado à conversa. “Uma química babado”, que resultou no início de um namoro em abril de 2014. É bastante recorrente entre minhas interlocutoras a valorização de clientes que têm um “bom papo” e preferem gastar o tempo do programa conversando ao invés de fazendo sexo.

De janeiro a abril, período em que Ana saía com Pedro e Romário simultaneamente, ela quase não se prostituía. Pedro havia pedido que Ana largasse essa vida sob o argumento de que ela “não tinha nascido para isso” e merecia “coisa melhor”. Visando oferecer uma fonte financeira perene para sua amada, Pedro dá para ela um cartão de crédito para que pudesse usar da maneira que quisesse, além de prometer-lhe pagar pela cirurgia de implante de silicone que ela tanto sonhava. Ana tinha retirado seus anúncios de sites de acompanhante e “fazia” um cliente ou outro às escondidas, por indicações de amigas, ou clientes repetidos que tinham seu número. Neste tempo em que quase não trabalhou, o seu relacionamento com Romário foi se intensificando. “Ele era quase meu marido, sabe? Dormia lá em casa todo dia. Eu era quase-esposa”.

Finalmente em abril, Romário termina com a namorada e pede Ana em namoro. Fato que Ana não só aceita, mas publiciza imediatamente em seu *Facebook*, deixando Romário numa “situação complicada”. Ele configura sua privacidade da rede social e autoriza apenas amigos mais próximos, sua irmã e amigos da Ana para verem e curtirem a alteração do status do relacionamento

na rede social. No que diz respeito a Pedro, Ana não havia se preocupado muito, pois “ele é velho e não tem *face*”.

Em setembro, Pedro e Ana se encontram no shopping Guadalupe e ele entrega para ela sete mil reais em suas mãos. “Toma, pro seu peito”. Eles já haviam combinado o valor e Ana, “geminiana ansiosa”, já tinha marcado sua cirurgia para aquele mesmo mês em São Paulo. Apesar da empolgação de finalmente poder colocar a prótese de silicone com que tanto sonhou, contar para Romário que um cliente havia desembolsado um valor tão alto para um investimento em seu corpo seria difícil.

“Eu cheguei pro meu namorado e falei assim” [*Ana faz uma pequena pausa e respira profundamente simulando como contou para ele*] “Romário, um cliente meu quer me dar o peito de presente, e aí?. Aí ele foi, fechou a cara, ficou puto e perguntou ‘esse cara está querendo te dar o peito por quê? Ninguém dá nada assim pros outros não!’”.

Numa tentativa de recuperar o bom humor de Romário, Ana começa a situar para o namorado o que o cliente significa para ela. “Ele é meu cliente de tempo, coroa”, “ele me dá nojo”, “ele quer me dar, ele gosta de mim, ele sabe que é meu sonho”. Na conversa com Romário, Ana desloca-se com cuidado pelas palavras como quem caminha na corda bamba. Ela sabe que deve despertar ciúmes na medida certa, pois assim, aciona a honra masculina de Romário e pode conseguir que ele mesmo pague a cirurgia de implante de silicone. Entretanto, não pode exagerar, pois assim Romário poderia obrigá-la a sair da prostituição, perdendo sua autonomia caso quisesse continuar o relacionamento. Então, Ana joga com valores, enfatiza que o cliente é freguês fixo, positivando o fato de que Pedro gosta e cuida dela, afinal, dar a cirurgia de implante de silicone é uma forma de cuidado. Mas, antes de tudo, ele é “coroa” e “desperta nojo”. “Então tá!”, disse Romário decidido “eu mesmo vou pagar seus peitos”. Mal sabia Romário que Ana já estava com o dinheiro de Pedro. Ela responde para o namorado:

Eu falei “não precisa pagar, deixa que ele pague”, porque o dinheiro, na verdade, já tava comigo. “Deixa que eu vou pegar o dinheiro com ele”. O que eu pensei... Eu não vou usar o dinheiro do meu

namorado, porque eu gasto depois, sabe? Vou usar logo o do cliente, porque eu não sei quando ele vai embora. Se ele for embora depois, o dinheiro já está aqui. O Romário eu sei que vai ficar.

Depois do término com Pedro, Romário passou a ficar sempre no apartamento de Ana. Podemos dizer também que Ana tornou-se esposa.

### 1.3. O término

Como aconteceu com todos os relacionamentos que minhas interlocutoras se dispuseram a me contar, o namoro de Donatela e de Ana, apesar da intensidade, não teve uma vida longa. “Namoro de travesti tem prazo de validade” sintetiza uma de minhas interlocutoras.

Resumindo, em razão da proposta de tamanho deste artigo, o fim do namoro de Alexandre com Donatela se deu quando ele passou a se relacionar cada vez mais com “o povo da noite” ou “gente errada”. Isto é, Alexandre, buscava Donatela sempre depois de seus programas. Eles marcavam um horário num bar próximo à “pista” que ela trabalhava. Neste bar, Donatela explica: “O que dá nesse lugar? Cliente, traficante, né? Vai rolar isso. Ele começou a conhecer muita gente desse naipe. Ele começou a se envolver com o povo da noite”. Assim, Alexandre passou a consumir diversos tipos de drogas e, com o tempo, a se endividar e ser violento. O namoro acaba no dia que Donatela volta de viagem e pega Alexandre na cama com outra travesti no apartamento que eles dividiam. Além da traição, ele tinha vendido vários pertences de Donatela para conseguir comprar mais drogas.

Se “o povo da noite” é o entorno dos pontos de prostituição, Donatela entende que foi justamente o seu trabalho e as consequências do convívio mais aproximado com ele os responsáveis pelo fim de seu relacionamento com Alexandre, e não a não-aprovação “silenciosa” de seus pais.

Já o fim do relacionamento de Ana se deu do seguinte modo: Romário começou a expor mais Ana para seu círculo íntimo de amigos e começou a estreitar relações com as amigas de sua namorada. Num determinado final de semana de fevereiro, Romário planejou uma festa de aniversário para um grande amigo de Ana no

sítio que sua família tinha em Magé. Ele não fez nenhuma questão de esconder sua namorada do caseiro e isto rendeu consequências terríveis para o relacionamento dos dois. O caseiro, além de funcionário, era amigo do sogro de Ana. Quando Romário voltou para sua casa, seus pais já sabiam quem acompanhou o filho no passeio. O Caseiro tinha ligado e falado “o Romário tá aqui com um traveco no sítio. Os dois ficaram agarrados o dia todo”. A briga estava instalada, o pai agredia Romário enquanto gritava: “tu é viado? Tá se envolvendo com traveco? Tá dando seu cu, viado? Se tu não acabar com essa palhaçada tu vai sair da minha casa agora”.

O “prazo de validade” para os namoros de mulheres trans/travestis com homens, nos dois casos que narrei aqui, se deu pelas duas “ameaças” que seus corpos e modos de vida trouxeram: a prostituição escondida dos pais de Alexandre, mas o “povo da noite” aparecendo como causa do fim do namoro; e o corpo trans de Ana que criou uma briga entre Romário e sua família.

Donatela retorna ao Brasil oito meses depois do fim do namoro com Alexandre e fica em seu país por dois anos. Mais uma vez, ela se vê obrigada a voltar à Itália para “resolver um problema de dívida”. Sabendo da volta de Donatela, Alexandre a procura:

Ele me procurou por telefone quando eu voltei pra lá. Ele me ligou “sou eu fulano”. Aí chamei ele(...). Eu falei assim “(...) fiz umas coisas pra gente comer e tal. Pra gente tomar um drink pra ficar mais relaxado”. Comprei um vinho branco bom. Comprei umas três garrafas desse vinho porque a gente tinha muita história pra falar. Eu fiquei dois anos no Brasil (depois do término) queimando ele, né. Queimei ele e a bicha [travesti] que estava com ele (...). Trouxe meu computador para gravar. Eu tinha um Sony Vaio e quando você gravava, desligava o display dele e ficava todo escuro. Peguei um negócio de papel, colei na luz da câmera e botei para gravar. Eu tenho essa gravação até hoje: cinco horas de conversa. Terminou numa transa. Eu transei com ele feroz, feroz. Eu perdoei ele e entendo que foi a loucura (do momento). Tudo que eu perdi, eu recuperei, claro. Eu perdoei, mas eu gravei tudo, tudo bicha. Cinco horas. Cinco horas de vídeo. A partir de 3h30 é só transa. Às vezes eu boto para bater um bolo [se masturbar]. Transando com ele

como eu nunca tinha transado. Usando... Não era sexo de reconciliação. Tinha tudo. Eu transei com ele com raiva, com nojo. Usei ele, usei como esses homens me usam. Mas eu usei ele. Mona, foi uma hora de transa. Uma hora e pouco, sei lá. Quando eu terminei de transar eu fiz assim, peguei o computador e pá, bati [sinal de fechamento] e ele foi embora. Tem tudo filmando, quando eu gozo em cima dele. Gozo na cara. Mona uma cachorrada. Fecho o computador e já tenho tudo o que eu quero. Mas eu realmente perdoei ele.

Você entendeu isso como vingança?

Me vinguei, amiga. Nunca mostrei isso para ninguém. Tem uma parte que a gente está sentado na cama aí a gente começa a falar do gostar um do outro que eu me emociono. Eu lembro da hora, a gente estava um pouco alto do vinho. Muito vinho, muito vinho. Ele lembra que fui a primeira, como nos conhecemos, de todo o trajeto até a gente transar a primeira vez... Por isso a gente transa. Eu choro por lembrar, por raiva, não sei o que estava passando na minha cabeça e ele me consola. Aí eu transo. Mas aí quando eu vou transar, vem o bicho. Bicha, foi uma coisa incrível. Eu lembro até a roupa que eu estava. Bicha, eu fui tão maliciosa... Tava um frio do caralho, era janeiro. Eu estava com um moletom azul bebê, embaixo um macacão de tela, de meia arrastão toda por baixo. Eu já estava na intenção de arrasar com ele. Por isso eu falo que fui maliciosa, eu queria mostrar para ele que eu era muito melhor. Foi um amor que me machucou. Às vezes eu lembro dele e ainda me acho apaixonada. Às vezes. Eu fui feliz com ele, não tem como negar. Ele me apresentou para a família dele.

A força desse depoimento é gigantesca. Donatela imprime no sexo com Alexandre diversos afetos que dizem respeito não apenas ao relacionamento dos dois, mas a marcadores da mulher trans/travesti como um todo. Entendo o fato de Alexandre, um professor de literatura e apresentador de televisão, ter apresentado Donatela para a sua família é causa-consequência da atualização desse amor oito anos depois de seu término. Donatela foi feliz com ele. Com Alexandre, Donatela conquistou um espaço que pouquíssimas mulheres transvestis conquistam: a família. Em tempos em que se observa em

diversos circuitos um profundo desinvestimento do conceito de família, aqui, esta instituição é reduto último e idílico de conquista. Fazer parte de família, algo muitas vezes negado para essas mulheres desde a tenra infância<sup>6</sup>, é a cristalização de seu pertencimento a uma rede maior e hegemônica de afetos positivos. A prostituição vista como oposta à família é muitas vezes, na verdade, a ponte que possibilita sua construção (Pelúcio, 2011).

Diferentemente de Ana, Donatela namorou um homem que a assumiu. Pelúcio (2011) nos mostra como há grandes dificuldades para os homens brasileiros em “encarar” a sociedade “mente fechada” e apresentar suas namoradas trans-travestis para amigos e família. A impressão geral de Donatela sobre homens brasileiros em contraposição aos homens europeus é muito similar à adotada pelas interlocutoras da autora. “Mente aberta”, “evoluídos”, “têm cultura” são expressões que ouvi comumente tanto por Ana quanto por Donatela acerca de suas impressões dos homens europeus. Assim, a vontade de sair do Brasil para ambas não é apenas uma busca por melhores rendas, mas também a procura por uma vida cosmopolita, de consumo, viagens e de alguém que possa ajudá-las a ter tudo isso (ibidem).

Ana e Donatela creditam à família e ao amor romântico-monogâmico um ideal de amor sublime, capaz de torná-las felizes e plenas. Embora ambas possuam diferentes nomeações para suas identidades de gênero, pensar na faixa etária como um marcador social chave para entender os diferentes sentidos de amor não faz muito sentido neste caso. O que atravessa as duas mulheres é a vontade de viver um relacionamento segundo o estereótipo do que é ser mulher.

## 2. Do “tornar-se esposa” ao “fazer-se esposa”: as negociações de rotina

“Eu entendo por esse lado. É uma coisa muito difícil alguém que compreenda o mundo da prostituição. Nem quem vive perto. Meu namorado viveu, o Alexandre viveu isso por

quatro anos e ele nunca conseguiu compreender”. Este trecho me foi dito por Donatela em uma de nossas conversas, revelando, finalmente, a necessidade de pôr em evidência as dinâmicas afetivas das relações de mulheres prostitutas trans-travestis com seus parceiros afetivos. A fala de Donatela vai ao encontro das diferentes concepções de sexo, amor e intimidade dos dois sujeitos da relação: aquela que se prostitui e aquele que não se prostitui. Dessa maneira, a incessante negociação de fronteiras simbólicas e corporais é um locus agonístico na malha do dia-a-dia do casal. Tal sentimento de incompreensão aparece como tônica trivial entre sujeitos que participam do mercado do sexo. Maria Elvira Díaz-Benítez no seu livro “Nas redes do sexo” (2011), que traz os bastidores da indústria pornográfica brasileira, nos mostra que é comum entre atores e atrizes pornô “namorar alguém do circuito”, pois é “um meio mais viável para a formação de um casal por conta da afinidade nas visões de mundo, nas rotinas de trabalho, nos hábitos e nas expectativas de vida” (Díaz-Benítez, 2011, p. 211). A autora argumenta que:

“[Há] (...) dificuldade de encontrar alguém que os ame sinceramente, para além do desejo físico, e que não utilize o trabalho sexual como motivo para manipulá-los ou torná-los alvo de constantes reclamações. Alegam, ainda, a dificuldade de encontrar alguém que seja compreensivo e não os obrigue nem estimule a se afastarem de um mundo que muitos não querem, ao menos no momento, abandonar.” (Ibidem)

No meu campo, as discussões que os casais travaram caminharam por veredas muito semelhantes às reclamações que as interlocutoras e interlocutores de Díaz-Benítez faziam. Quando questionadas por mim se os namorados eram ciumentos ou aceitavam o trabalho de prostituta, a resposta era geralmente “aceitavam, mas...” e o que se seguia eram as diferentes condições e concessões que os namorados estabeleciam para o reencontro do casal.

Donatela era proibida por Alexandre de sentar-se na cama com a roupa de trabalho. “Ele

6 (Ver também Kullick, 2008; Silva, 2007; Bento, 2006)

me buscava todos os dias meia-noite ou uma hora da manhã e não me beijava. Eu tinha que chegar em casa, escovar os dentes, tomar banho. Eu tinha que botar uma roupa limpa. Não podia sentar suja na cama”. Já Romário preferia encontrar Ana depois que houvessem transcorridas várias horas do fim de sua jornada de trabalho. Ele pedia que ela trabalhasse no período da manhã para poder vê-la à noite como se o tempo de não-trabalho ou de ócio realizasse nela uma espécie de purificação vitoriana. Além do mais, quando os dois estivessem juntos, ela não poderia atender o celular em sua frente e nem falar sobre seu trabalho quando ele não perguntava. Caso Romário perguntasse, era devido a algum fundo de desconfiança e curiosidade e então “era uma *perguntação* sem fim. Trabalhou hoje? Sim. De tarde? Eu falava de manhã. Quantos Clientes? Poucos. Era feio? Eu falava que era feio e velho. Repetido? Eu falava que não. Beijou na boca? Não. Chupou sem camisinha? Não. Tinha que falar isso tudo pra ele, tadinho”.

No que diz respeito a Ana e Donatela, elas estabeleceram com seus namorados uma dinâmica conjugal na qual detinham o direito de fazer sexo com clientes, pela contrapartida de manterem a exclusividade afetiva na relação. Ao passo que os homens deveriam não apenas manter exclusividade afetiva, como elas, mas exclusividade sexual. Alexandre e Romário sabiam, antes de iniciar suas relações com Donatela e Ana, que elas trabalhavam como prostitutas. Logo, ambas as mulheres conseguiram pleitear seus trabalhos como garotas de programa já no início da relação. Perguntada, após o meu espanto, sobre o processo de convencimento de Romário a embarcar neste modelo de conjugalidade, Ana me responde com certa tranquilidade: “exigia sim, sempre [a monogamia sexual e afetiva]. Até porque ele era meu namorado, né? E eu sou mega agressiva. Geminiana com ascendente em câncer... Eu era doída naquele homem”. A não-equidade que os casais estabeleciam para si em relação ao comportamento sexual do homem versus o da mulher era a ponte fundamental de embates e negociações dos pares. É importante salientar que a tolerância à profissão de prostituta das duas mulheres não é um investimento único e primeiro no início da relação. Mas, com efeito, um processo no qual se joga com

realidades ficcionais no intuito de não frustrar os companheiros, e, assim, construir um processo de aceitação mais sólido. A gestão de informação de Ana com Romário deixa este ponto bem explícito.

Anne McClintock, no seu belo trabalho “Couro Imperial” (2010), analisa no capítulo “Raça, travestismo e o culto da domesticidade” os diários escritos por Hannah Cullwick, uma criada, e Arthur Munby, um advogado. Do mesmo modo como acontece com minhas interlocutoras, o relacionamento dos dois foi mantido em segredo durante todo o tempo em que ficaram juntos, dezenove anos. O círculo vitoriano do século XIX que conviveu com Cullwick e Munby acreditava que eles se relacionavam apenas como patrão e empregada. Entretanto, a verdade é que viviam um tórrido amor subterrâneo. Ambos gostavam de realizar jogos de fetiche ao redor dos marcadores de classe, raça e gênero. Cullwick por vezes se vestia de dama, camponesa, escrava (usava uma pulseira de couro que sinalizava seu pertencimento simbólico a Munby, o couro imperial), de homem, de negra, etc., em busca de explorar as possibilidades e prazeres ao lado de seu companheiro. Evitou durante muitos anos se casar com Munby, pois gostava da liberdade de poder tomar as próprias decisões (tendo em vista que o contrato de casamento a submeteria a Munby formalmente) e ganhar o próprio dinheiro com o trabalho (uma vez que cobrava até mesmo de seu parceiro pelos serviços domésticos que prestava). Ao contrário das damas de seu tempo, ela não enxergava o trabalho como algo de que deveria se sentir envergonhada e ocultar, mas o extremo oposto. Ela se sentia à vontade em expor a sujeira e o suor do seu corpo calejado da labuta, desafiando, assim, a separação entre público e privado que se desenhava na Inglaterra deste período (McClintock 1995). Tendo em vista o caso narrado por McClintock, atualizo sua pergunta central para o nosso assunto em questão: que tipo de relação é possível em situações de desigualdade social extrema?<sup>7</sup> Ademais, pensando num contexto no qual há uma moral imperiosa da monogamia afetiva e das restrições de prazer sexual no âmbito do casal, vale perguntar: como recai a prostituição na trama do dia-a-dia de cada uma das partes da relação?

Em diversas etnografias sobre prostituição, as relações com os maridos são dadas em termos nos quais eles ou participam de alguma forma do mercado do sexo ou se beneficiam dele (Kulick, 2008; Silva, 2007; Fonseca, 2000; Olivar 2013). Don Kulick (2008), em “Travesti”, apresenta as redes de disputas e intrigas entre as travestis com quem conviveu nos anos 1990 e os homens de determinado perfil que as namoravam. Estes circulavam e permaneciam no relacionamento com a travesti que mais lhes beneficiaria financeiramente (Kulick, 2008). Estes homens não eram cafetões, eles “tampouco mantêm um controle sobre suas namoradas travestis enquanto elas trabalham na rua. [...] Desde que elas continuem a pagar as contas, os namorados se contentam em deixar o lado profissional inteiramente a cargo de suas namoradas travestis” (2008., p. 128).

Já entre as mulheres não-trans apresentadas na obra de José Miguel Nieto Olivar (2013), os maridos necessariamente compunham o universo da esposa puta. A figura do gigolô ou do marido-cafetão não apareceu em nenhum momento nas entrevistas que fiz. Assim, o ponto chave para entendermos a composição dessas relações se revela na mulher trans/travesti e prostituta de classe popular e o homem de classe média autônomo ligados por uma ideia de amor-romântico em benefício de uma vida conjugal a dois. Há, em casos bem pontuais, vezes em que as mulheres dão dinheiro para seus namorados. Entretanto, situações como essas são isoladas do contexto geral no qual os homens desejam fortemente que suas namoradas abandonem a prostituição e elas se recusam, ou fingem que aceitam, objetivando a conservação de suas autonomias financeiras (o que configura outra

aproximação com Hannah Cullwick).

O poder na relação é disputado nos diferentes significados atribuídos ao amor, ao sexo e ao prazer no ir e vir das discussões. Há a manutenção de maneiras não-análogas de se conduzir na relação (Heilborn, 2004 e 1995), todavia, os termos dos casais são diferentes daqueles que a clássica literatura dos anos 1980 sobre família e conjugalidades costuma abordar (Velho, 1998 e 2009; Fonseca, 1995; Heilborn, 1995; Duarte, 1999; Salém 1989). Estamos diante de um outro modelo de conjugalidade no qual, embora concebido e idealizado pelo típico imaginário de relacionamentos monogâmicos de camadas médias, - o “casal igualitário” seguindo essa literatura mencionada - ele é praticado de forma diferente. Há continuidade na monogamia que está transmutada nesses casos em tela em monogamia afetiva<sup>8</sup>. O que une os exemplos etnográficos que trago à baila a essa literatura antropológica são os pontos fundamentais para a formação de um casal. Como pontua Claudia Fonseca, a união do casal acontece e depende da livre escolha dos pares, do amor romântico e da criação do lar como refúgio do público (Fonseca, 1995). “Livre escolha” é central aqui para pensar como a conjugalidade é concebida (Heilborn, 1995; Salem, 1989). Também podemos trazer o sistema de expectativas que minhas interlocutoras vocalizaram sobre suas próprias relações<sup>9</sup> e a maneira a qual se referiam aos até então namorados como “namoridos”<sup>10</sup> ou “quase-esposos” com certa regularidade (raramente “esposos”). É mister salientar também que construía suas éticas do viver junto como casamento e, mais importante, como família, mesmo fora da formalidade do contrato de casamento. Formas muito semelhantes de se

7 A pergunta original “Que tipo de atuação é possível em situações de desigualdade social extrema?” (2010: 211) também é possível. Optei por deslocar “atuação” para “relação”, pois acredito que a discussão que acompanha a palavra “relação” passa também pelas categorias de subordinação, entretanto, dá mais ênfase ao aspecto relacional em que está constituído os dramas de minhas interlocutoras com seus namorados e suas famílias.

8 Poderia a leitora ou o leitor argumentar que a separação da monogamia em duas modalidades, sexual e afetiva, nos traria um modelo cartesiano de corpo e alma no qual o primeiro seja templo dos prazeres e o segundo, dos afetos. Vale lembrar que, nos casos que me foram confiados por Ana e Donatela, no que concerne aos “grandes amores”, era aos homens imposta a restrição da monogamia sexual e às mulheres, do prazer no trabalho. Isto é, o prazer da mulher, que poderíamos pensar como gozo corporal, é exclusivo de seu parceiro, redesenhando, por sua vez, os limites de corpo e alma no que diz respeito às afetividades e aos prazeres.

9 O sistema de expectativa do qual me refiro é tematizado por mim em minha dissertação como “sonho”. Em suma, a ideia de “sonho” é pensada de maneira aproximada a “projeto” (Para mais informações ver Zampiroli, 2017).

10 Junção das palavras “namorado” e “marido”.

pensar família e casamento aparecem também nas pesquisas de Gilberto Velho que tratam de relações entre membros da classe média carioca (Velho, 2002, 2009, 1998) nos aproximando, novamente, da casa como âmbito privado. É importante marcar, também, o que distancia estes modelos do chamado “casal-igualitário”: Ana e Donatela entendem que o típico papel do que é apreendido como “esposa” é contíguo ao processo de torna-se mulher. Destarte, querem estar numa relação a dois na qual estarão responsáveis pelo privado da casa. Isto é, mesmo que haja uma busca por autonomia, Ana e Donatela, entendem que seu papel de esposa não está num mesmo nível de responsabilidade para com os domínios público e privado que os de seus parceiros.

As mulheres exigem exclusividade sexual e afetiva e os homens tentam lidar (ou “toleram” como dizem) com a exclusividade sexual, exigindo a afetiva. A estabilidade do casal aparece nas diversas regulações internas, no fluxo das tênues fronteiras de cuidado e controle. Essa dobra do cuidado-controle “é complexa”, como diz Donatela:

Pra uma pessoa pedir pra você tomar um banho “vai se lavar”. Eu era obrigada. Mas enquanto eu estava me lavando, ele estava preparando meu lanche antes de dormir. Tá entendendo? Era uma pessoa que me obrigava a tomar um banho, mas se preocupava de ir lá na cozinha preparar um lanche. Ele adorava fazer sanduíche e preparava sanduíches de todas as formas. Ele fazia um lanche pra mim. Ele não gostava que eu comesse na rua. Quando eu falava “vem me buscar no Polinario” que é onde vende lanche, tipo um *foodtruck*, ele não gostava porque ele sabia que eu não iria comer em casa. É complexo.

Se Donatela quisesse provocar Alexandre por algum motivo, ela sentava na cama dos dois. Sentar “suja” na cama era um dos maiores atos transgressores que ela poderia fazer. Seu corpo sujo era público e poderia poluir toda a qualidade do privado no espaço mais íntimo do casal, a cama na qual se entregam um para o outro, trocam amores, substâncias e descansam. Configurando-se, assim, no templo sagrado do par. No entendimento de Alexandre, este corpo deve imediatamente se limpar para tirar tudo

aquilo que não pertence a Donatela nem a ele. Isto é, todo caráter público, todo resquício de outros homens, de outros corpos, de outros prazeres, de outros sofrimentos.

Diferentemente das mãos sujas e da pulseira de couro de Cullwick como apresentado anteriormente a partir da obra de McClintok e que evidenciam o trabalho doméstico, o corpo de Donatela não possui sinais aparentes de poluição. É a compreensão de sua circulação que o transforma em sujo para Alexandre.

A possibilidade de Donatela circular pela sua casa e o encontro de Ana com Romário mediante ao tempo de ócio atestam as diferentes concepções de intimidades que tramam estes relacionamentos. Olivar nos mostra em “Devir Puta” (2013) como programa não é sexo para suas interlocutoras. Isto é, o sexo diz respeito a uma entrega que não é dada no programa (Olivar, 2013). Entre minhas interlocutoras, por mais que o “nojo”, a apatia e o “automático” tenham surgido em diversas ocasiões quando se tratava do sexo comercial, ouvi diversas vezes o termo “fazer um vício”, que quer dizer se relacionar com um cliente que é “bofe odara”, “boy magia”, “cliente que vira crush”, um homem muito bonito que dispensaria a relação intermediada pela troca de dinheiro. Todas as minhas interlocutoras entenderam, em algum momento de suas vidas, que não havia outra alternativa a não ser “ser puta”, pois é este o “lugar de travesti”. Desse modo, a experiência da prostituição antecede necessariamente a possibilidade difusa e imprevisível de se tornarem esposas de um homem. Aqui se diferenciam profundamente das interlocutoras de Olivar, as quais narram o fazer-se puta como expressão concomitante a tornar-se esposa. Podemos concluir que tornar-se esposa é o passo que antecede o fazer-se esposa. O lugar de esposa é disputado o tempo todo nas negociações de intimidade, isto é, nas concessões e nas demandas que estas mulheres travam com seus parceiros. Fazer-se esposa é um modo ativo de estar na relação que pretende “normalizar”, num certo sentido, a conjugalidade pela repetição da dignidade da “livre escolha”, na repetição do vínculo romântico, na autonomia dos pares e no cotidiano do cuidado (e da face oposta, o controle). Fazer-se esposa é um tensionar cotidiano do lugar em que Ana e

Donatela querem estar na relação, mesmo em vista das qualidades ímpares que seus namoros têm se compararmos com relacionamentos de casais cisgêneros heterossexuais.

Nos tecidos das subjetividades da intimidade, deitam-se os diferentes significados atribuídos a sexo e prazer. Os homens sentem ciúmes e então estabelecem limites para suas mulheres que são pensados em três diferentes tipos: 1. Por qualquer forma de contato sexual; 2. Pela possibilidade que elas sintam prazer no programa; 3. Pela possibilidade que surja alguma forma de afeto com o cliente. Evidentemente os três pontos são tipos ideais que se confundem na realidade. No que diz respeito ao primeiro ponto, este é o que testa o maior nível de tolerância dos homens em relação ao trabalho de suas mulheres. Nos casos narrados acima, podemos notar um fio condutor, seja pelo banho ou por horas transcorridas, da necessidade de purificação. O segundo item e o terceiro são os mais difíceis de serem controlados pelos parceiros ficando, portanto, a carga da confiança que eles nutrem por elas. Não há nenhuma interlocutora minha que não tenha mentido para seus parceiros sobre os detalhes de seus encontros, como as eventuais repetições de clientes, a beleza e idade deles, ou o que sentem, mesmo sendo amizade. “Ele não aceitava [clientes fixos]. Eu tinha que mentir. Se ele descobrisse, ele ficava puto”, me revela Ana. Assim, é repetido por elas, de maneira incessante nas discussões do casal, que com o parceiro o sexo é por prazer e com os clientes, “industrial” (Olivar, 2013). Os “vícios” são segredos revelados apenas para os mais próximos.

Embora o processo de convencimento à tolerância seja inesgotável e Ana e Donatela tenham que negar qualquer forma de prazer sexual nas relações de trabalho em diversos momentos, prazer para elas pode ser muito mais sutil. Donatela revelou-me que se sentia “assexuada”. Ela diz que “se aparecer um bofe aqui e oferecer uma bebida, eu vou preferir estar conversando com você. Eu não tenho mais esse

apetite sexual, no caso [sexo] hoje é trabalho”. Num outro momento, uma de nossas entrevistas fora interrompida por um homem que Donatela apresentou como “este aqui é o carequinha<sup>11</sup> que me acompanha vendo Netflix<sup>12</sup>”. Já Romário é “minha companhia para ver Game of Thrones<sup>13</sup>”, diz Ana. Enquanto o locus agonístico do cotidiano dos homens é o controle do sexo e prazer que suas namoradas podem eventualmente ter no trabalho, para elas prazer, por tantas vezes, é a expressão da intimidade mais prosaica, como ver séries televisivas.

Se no caso dos homens há desconfiança na possibilidade de que sua mulher sinta prazer nas relações sexuais do trabalho, para a mulher, o homem deve fidelidade pela monogamia sexual e afetiva, como dito anteriormente. Dessa forma, para o casal, a prostituição surge como força interna fantasmagórica e onipresente, pois poderia justificar possíveis adultérios dos homens ou possíveis afetos para as mulheres, uma vez que a prostituição é um ponto de encontro com outros. A arte de viver na relação passa, portanto, pelo estabelecimento de normas do casal e diversos controles (ou cuidados) de si para evitar excessos que possam pôr fim à relação.

É interessante perceber nas dobras do cuidado-controle as formas que os papéis sexuais assumem nas tramas destas dinâmicas. Como vimos anteriormente com Ana, a quantidade de informação que se revela para o namorado é de suma importância para o sucesso da manutenção do trabalho como prostituta e do relacionamento com Romário. Logo, qualquer posição de subalterna que Ana possa ter em determinados momentos da relação (mesmo em face à sua “agressividade geminiana” em exigir exclusividade sexual), não suprime sua capacidade de agência. Ademais, este é o lugar que Ana prefere estar na relação. Quando ela manipula as informações trazendo o marcador social da velhice para negativizar a experiência com Pedro, ela também positiva o cliente ao colocá-lo como cuidador. Dessa maneira, aciona

11 Donatela não namora atualmente este homem. Embora ele tenha a pedido em namoro em diferentes oportunidades, ela, que nutre um grande carinho por ele e o encontra regularmente, não quer uma relação, pois não está apaixonada.

12 Netflix é uma empresa que funciona como TV por demanda. Em outro momento ela me disse “o que eu procuro de um namorado... É alguém para ver Netflix”.

13 Famosa série televisiva de fantasia baseada num livro best-seller de George R. R. Martin

um lugar masculino na figura do cuidador no intuito de despertar este mesmo lugar masculino em Romário. Ana o faz numa dupla intenção que se complementam: a de fazer com que seu parceiro tome uma atitude mais coerciva, demonstrando ciúmes, e que ele pague a cirurgia estética. Dessa forma, o Romário ciumento toma Ana como um território de reivindicação, pois oferece financiar a prótese de silicone da companheira ao mesmo tempo em que ganha o direito de promover alguma sanção em relação a Pedro. Ana conquista a sensação de se sentir parte de uma relação na qual ela é realmente amada, sentimento que ela lê pela demonstração de ciúmes, e também, consegue o dinheiro tanto do cliente quanto do quase-marido. Ana faz-se esposa.

Amor, ciúmes, cuidado e controle são afetos generificados, expressos, praticados e atualizados de acordo com papéis de gêneros já estabelecidos. Ora cada um deles é expresso como energia masculina e ora como energia feminina. O cuidado, por exemplo, de pagar a prótese de silicone é um cuidado masculino. A limpeza e a purificação são cuidados de responsabilidade feminina. E assim por diante<sup>14</sup>. Os novos peitos de Ana são expressão do cuidado masculino, pois dizem respeito ao corpo de uma mulher, ao sonho de uma mulher e de um investimento financeiro para uma mulher. Desse modo, atualiza-se a figura fria e racional (e masculina) do dinheiro (Zelizer, 2007; Pelúcio, 2011; Piscitelli, 2011) e a posse do corpo sonhador, sensível, emocional (e feminino) pelo homem. Isto é, renovam-se os papéis de gênero estabelecidos nas técnicas corporais no corpo “siliconado”, “turbinado”, hormonizado e substituído. Poderíamos seguir daqui a uma discussão sobre a negatização da experiência de Ana pelas amarras estreitas do “patriarcado”. Todavia, como foi visto anteriormente, ela não foi posta nesta situação passivamente. Para Ana “pessoa que ama é ciumenta”. Ela provoca Romário ao contar de Pedro a fim de estar numa trama na qual seu parceiro se posicionaria de maneira possessiva. Romário obriga Ana a destruir o cartão de crédito

que o cliente tinha dado e a proíbe de encontrá-lo novamente. Ana quebra o cartão desgostosa, mas neste lugar de submissão, se sente mulher, amada e pertencida por alguém que a valoriza. Ana se sente esposa. Já Romário, sente que mesmo que sua parceira transe com outros homens, ele ainda exerce algum controle sobre ela.

Podemos perceber que o casamento é uma forma de vida pela existência compartilhada. Ambos os pares estabelecem um vínculo pessoal e intenso por posições de reciprocidade afetiva. Temos, portanto um modelo de relação que se aproxima da modernidade, no que toca, como já foi dito, a livre escolha dos cônjuges pelo amor romântico e o lar como refúgio do público. Isto é, este modelo de relação acontece na maioria dos casos que apareceram para mim independentemente do seu status mais geral em outras redes e diz respeito somente à decisão do casal de querer estar junto e compartilhar uma vida cotidiana. Decisão esta que está circunscrita na qualidade subterrânea para a sobrevivência do relacionamento. Subterrâneo como o apagamento da prostituição como profissão da parceira ou de sua existência na vida relacional dos homens. Não quero dizer com isso que não haja outros fatores determinantes para a consolidação de uma relação. A ideia é pontuar como a escolha aparece como salutar nos discursos de minhas interlocutoras. Esta decisão, por uma vida conjunta, por parte “do seu homem”, é percebida por Ana na manutenção de seu lugar subterrâneo, pois, para ela, Romário dizia que revelá-la poderia impossibilitar completamente a existência cotidiana do relacionamento em detrimento das possíveis censuras familiares. “Ele nunca fez questão de me apresentar. Só fazia quando era obrigado pela situação. Tipo quando eu estava na *The Week*<sup>15</sup> com ele e encontramos um antigo amigo de escola dele. Ele me apresentou como namorada, não teve escolha, né? Mas eu entendo, é difícil”, contou Ana. Já para Donatela, mesmo com a demora de ser revelada para os pais de Alexandre, houve o apagamento de sua carreira como prostituta e o apagamento de sua existência para níveis mais macro da família, como avós

14 (Ver Fernandes, 2013; Lutz, 1998).

15 Boate carioca localizada na Sacadura Cabral voltada ao público LGBT.

e tios. A experiência da transexualidade e travestilidade aparece, por conseguinte, na força que as pressões externas têm em constranger os pares ao serem exercidas por grupos próximos, como a família-amigos e grupos mais difusos, como a sociedade mais geral. Estes são, assim como o estigma da prostituta, energias fantasmagóricas que ameaçam perenemente a relação. A família e os amigos ameaçam pelas suas proximidades afetivas e, a sociedade, pela sua qualidade amorfa, mas normativa e, decerto, imprevisível.

### Considerações Finais

É importante neste momento final pontuarmos que a “livre escolha” do homem para namorar uma mulher trans/travesti não é tão livre assim. Os relacionamentos afetivos de minhas interlocutoras foram o assunto que mais queriam compartilhar comigo durante as entrevistas. Isso me revelou o quão central era pensar as conjugalidades entre uma mulher trans/travesti e um homem e o quão circunscrito por ameaças fantasmagóricas estão essas relações. Desse modo, além dos afetos serem vividos de maneira generificada, o papel de esposa, a conjugalidade e a participação nas redes relacionais e familiares são instâncias que fazem parte da construção e consolidação do feminino e da sensação de pertencimento.

Isso foi possível de ser vislumbrado, por exemplo, pela maneira como a dobradiça do cuidado-controle foi ganhando forma em sua expressão de ciúmes. Para Ana, o tempo de ócio após o programa purificava seu corpo. Para Donatela, a purificação vinha do banho. Tomar banho, se limpar, não comer fora de casa, esperar o “namorido”, não sentar na cama – além das manipulações de informações sobre os programas e os clientes – desenham as negociações de rotina e as subjetividades relativas às intimidades. Desse modo, colocamos em perspectiva os tensores agonísticos que habitam uma relação afetivamente monogâmica tida como heterossexual e vivida no subterrâneo. Ademais, todas essas tensões aparecem pela singularidade que é comum destes modelos de relacionamento e de sua fragilidade – o que justifica o porquê de

tornar-se esposa aparecer sempre timidamente, uma vez que é preciso trabalhar cotidianamente o papel de esposa (fazer-se esposa).

Sobre a revelação da namorada trans/travesti para a família do namorado, aposto na força que o impacto da informação revelada tem em pequenos contextos sociais e em quanto a disposição da família pode moldar a frequência e intensidade de transformações morais. Do ponto de vista do casal, vimos como eles se estabelecem no tecido do cotidiano. No caso da mulher, poder sair do subterrâneo, em certo grau, tem potência de a conformar na sociedade, gerar um papel social desejado e se tornar uma plataforma nas redes de relações do casal para impor seu papel de esposa e mulher trans/travesti na sociedade. O papel de esposa é fundamental para fazer-se mulher. Trata-se do gênero sendo construído não apenas através das mudanças de seus corpos, mas, especialmente, pelo lugar social que o casamento introduz. O casamento atravessa a ordem do privado para o público. Público e casamento aqui devem ser entendidos não em termos jurídicos ou pela “benção” do Estado, mas pela forma que estas noções são entendidas e aplicadas pelos sujeitos, isto é, com mais ênfase no cotidiano. O caráter público dessas relações é desestabilizador de normatividades pelo simples fato de incorporar corpos que podem ser vistos como abjetos numa instituição hegemônica que é a família, deslocando o paradigma do casamento ao obrigar as redes que participam da trama relacional a se rearranjarem segundo a prerrogativa de escolha do casal. Tudo isso passa estreitamente pela autonomização dos sujeitos que compõe a díade: a mulher travesti puta é autônoma, o homem da relação também. Ademais, tudo se dá pela insistência de permanecer no modelo heteronormativo de conjugalidade, no qual a mulher assume o papel típico de esposa e o homem de marido. Temos, então, dois sujeitos autônomos na díade que exercem papéis de gênero marcados – assim, de um lado há uma aproximação ao modelo igualitário de conjugalidade e do outro, um afastamento. São díades praticadas segundo as experiências dissidentes das mulheres (e suas carreiras) e do homem (e o amor que alimenta por elas), mas vividas segundo um ideário normativo, invocando assim uma nova moralidade para este

modelo de conjugalidade.

Infelizmente, nem a relação de Ana ou Donatela sobreviveram tempo suficiente para gerar um impacto grandioso nas redes de seus até então parceiros. No caso de Ana, apenas a fofoca de sua presença no sítio dos pais de Romário foi o suficiente para desarmonizar a relação. Retidos numa discussão do possível, pensar empiricamente os efeitos da consequência do assumir a relação, nos possibilitaria entender com mais densidade como a novidade ecoa no mundo público das redes relacionais. Dito isso, levo a crer que mais do que agirem por forças combativas maiores do que os pequenos passos da unidade do casal, Donatela e Ana querem apenas exercer amores nas micro configurações de suas vidas relacionais. O desafio de lograr na norma aquilo que se pretende exercer como casal não exclui a possibilidade que esta mesma norma sofra pequenos deslocamentos. Dessa maneira, o engajamento político se configura como segundo plano. Já o amor pode não ser tão acidental assim na sua insurgência, mas o é como possibilidade política e, assim, amar se desenha como primeiro plano do discurso de embate às configurações hegemônicas de família e conjugalidade.

Desse ponto, gostaria de justificar que não há uma tendência utilitarista no uso dos relacionamentos afetivos nos processos múltiplos de fazer-se mulher. Os relacionamentos destacados para este artigo são aqueles que minhas interlocutoras “amaram de verdade”. Então, há uma centralidade no amor, sentir-se amada, sentir-se desejada, etc., que não foi enfatizada aqui. Isso, de forma alguma, esvazia a possibilidade de perceber que o papel – em disputa – de esposa, não necessariamente formalizado como título, mas no cotidiano do casal, é central na construção de gênero e de pertencimento. Atestando, por conseguinte, não só a multiplicidade de situações em que a construção de gênero é território de disputa, mas, sobretudo, como esse processo está fundamentalmente embebido de afetos e éticas vinculativas às cartografias relacionais e identitárias.

No cuidado e controle é que se disputa o espaço e o papel de cada um na relação. O jogo de como elas querem estar é sempre pautado para um lugar de despertar ciúmes, de ser circunscrita pelos homens – para sentir que pertencem.

Então, essas negociações são importantes tanto para a sobrevivência do casal quanto pelo fazer-se esposa e pelo papel desejoso que este título carrega. Quando se “torna esposa”, não se torna realmente uma esposa. É preciso brigar por essa posição, pois conseguir se estabelecer como esposa frente ao mundo público é uma das validações possíveis do fazer-se mulher.

## Bibliografia

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. “Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life”. In: . e . (org) *Language and the Politics of emotion*. Cambridge, Cambridge Press, 1990.

BLANCHETTE, Thaddeus. G.; DASILVA, Ana Paula. “Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano”. In: PARKER and CORREA (orgs.), *Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos*. Rio de Janeiro: SPW. p.192-233, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira, 2003.

DAS, Veena. “Engaging the life of the other: love and everyday life”. In LAMBEK, Michael (ed.) *Ordinary ethics. Anthropology, language and action*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2010.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: edições 7, 1991.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. “Família, moralidade e religião: tensões contrastivas contemporâneas em busca de um modelo”. In. VELHO, G. e DUARTE, L.F.D. (org): *Gerações, Família, Sexualidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009

- \_\_\_\_\_. “O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna”. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 21-30, 1999.
- \_\_\_\_\_. e GOMES, Edlaine de Campos. *Três Famílias: Identidades e Trajetórias transgeracionais nas Classes Populares*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- FERNANDES, Camila. “Apego e Jeito de Cuidar. Afeto, trabalho e gênero na experiência do cuidado de crianças”. *Anais do VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho*, 2013.
- FONSECA, Claudia. “Amor e Família: vacas sagradas da nossa época”. In: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara Torres (org): *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2000.
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- \_\_\_\_\_. “O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara Torres (org): *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: FioCruz, 2008.
- LUTZ, Catherine A. *Unnatural Emotions*. Chicago: The Chicago Press, 1998.
- MCCLINTOCK, Anne. “Couro imperial – raça, travestismo e o culto da domesticidade”. In: *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. São Paulo: Unicamp, 2010.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. *Devir Puta: Políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- PELÚCIO, Larissa. “Amores Perros’ – sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo”. In: PISCITELLI, A., ASSIS, G.O. e OLIVAR, J. M. N. (org) *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp-PAGU, p. 185-224, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Três Casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem*. Florianópolis: *Estudos Feministas*, n. 14, p.522-534, 2006.
- PISCITELLI, Adriana. “Recriando a (categoria) mulher?” In: ALGRANTI, L. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, p. 7-42, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”. In: PISCITELLI, A., ASSIS, G.O. e OLIVAR, J. M. N. (org) *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp-PAGU, p. 537-576, 2011.
- SALEM, Tânia “O casal igualitário: princípios e impasses”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 3(9): 24-37, 1989
- SILVA, Hélio R. S. *Travestis: Entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco., 2007.
- STRATHERN, Marilyn. “Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia”. In: \_\_\_\_\_. *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosacnaify, 2014.
- VELHO, Gilberto. “Projeto, Emoção e Orientação em sociedades complexas”. In: *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004
- \_\_\_\_\_. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002
- \_\_\_\_\_. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

\_\_\_\_\_. “ Sujeito, subjetividade e projeto”. In. VELHO, G. e DUARTE, L.F.D. (org): *Gerações, Família, Sexualidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009

VENCATO, Anna Paula. “Vestidos para ir a lugar nenhum’: negociações entre estar ‘montada’ e ‘desmontado’ em homens que praticam crossdressing”. In *História Agora*, 16, p. 204-219, 2013.

ZAMPIROLI, Oswaldo *Amores Subterrâneos: família e conjugalidades em trajetórias de prostitutas trans-travestis*. Dissertação (PPGAS – Museu Nacional – UFRJ). Disponível em: <https://ufrj.academia.edu/OswaldoZampiroli>

ZELIZER, Viviana A. “Encounters of Intimacy and Economy”. In. *The purchase of intimacy*. Princeton: Princeton University press, 2007

